O Corpo e a Geopolítica da Tecnocolonização, Tecnocolonialidade do Corpo na Arte, na Cultura e na Educação! (2ª Parte)¹²

¡El Cuerpo y la Geopolítica de la Tecnocolonización, Tecnocolonialidad del Cuerpo en el Arte, la Cultura y la Educación! (Parte 2)

Marcos Antônio Bessa-Oliveira³

Resumo

O “conceito” de tecnocolonialidade (BESSA-OLIVEIRA, 2020) vem sendo “definido” epistemologicamente em partes porque a reflexão tem como premissa uma discussão maior que contempla o corpo na sua totalidade tecnológica contemporânea que também considera entendimentos diferentes da e sobre a tecnologia. A primeira ideia da formulação epistêmica sobre a tecnocolonialidade acerca-se da condição geopolítica da tecnologia que nos foi colocada como premissa fundamental da existência atual do corpo humano. O corpo não tecnológico é um corpo que não existe na atualidade. O corpo “tecno(lógico)” (RODRIGUES; BESSA-OLIVEIRA, 2019) seria o corpo que usa da tecnologia como artifício (de ser humano) artístico de sobrevivência desde que temos o corpo interpretado pela ótica cristã ocidental europeia. Enquanto o corpo consciente da tecnocolonialidade é o corpo que reconhece o papel de colonização/colonialidade contemporâneo imposto aos corpos pela exigência da utilização da tecnologia como único modo de sobrevivência. Entretanto, neste caso, o corpo que não se quer tecnológico, também não se quer colonizado pela tecnologia (tecno(lógico)), ao certo não vai se permitir sobreviver apenas se submisso à tecnocolonialidade, portanto, é um corpo consciente da geopolítica imposta, especialmente, pelo projeto de universalização técnica e por isso não submete-se à existência apenas se *partícipe* da tecnologia. Considerando isso e levanto em conta também a primeira parte já exposta em que tive que evidenciar as políticas “econômica da morte” e do “ódio” (BESSA-OLIVEIRA, 2020a) do atual Governo Federal que destratam a pandemia, esta segunda parte abordará diretamente a tecnocolonialidade no corpo da arte na contemporaneidade como artifício de colonização. Para subsidiar esta construção epistemológica me valerei dos debates pós-modernos (contemporâneos) acerca dos corpos artísticos tecnológicos, que compreendem o corpo necessariamente vinculado à tecnologia para a produção, que compõem corpos “andrógenos”, “tecnológicos”, “transumanos” (BRETON, 2015), “corpomídia” (GREINER; KATZ, 2005), entre outros, para autoconstrução/autorreconhecimento ou construções/reconhecimentos em contextos diversos; usarei também das discussões modernas que classificaram racial/étnico/socialmente os corpos não europeus. Ancorando essas abordagens estará uma episteme descolonial pela perspectiva crítica *biogeográfica* fronteira para desvincular corpo e tecnologia como possibilidade de convivência entre as diferenças coloniais na contemporaneidade.

Palavras-Chave: Corpo; Arte; Educação; Tecnocolonialidade; Geopolíticas.

¹ Este texto é a 2ª Parte de uma reflexão sobre o corpo e a tecnocolonialidade na arte, na cultura e na produção de conhecimentos em desenvolvimento para a composição de um livro.

² Artigo apresentado no Latinidades – Fórum Latino-Americano de Estudos Fronteiriços, na modalidade online, 2020.

³ Pós-doutorando em Estudos de Linguagens (FAALC-UFMS); Professor na UEMS (Graduação em Artes Cênicas, Dança e Teatro e no PROFEDUC) e Coordenador do NAV(r)E – Núcleo de Artes Visuais em (re)Verificações Epistemológicas – UEMS/CNPq; Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; marcosbessa2001@gmail.com.

Resumen

El “concepto” de la tecnocolonialidad (BESSA-OLIVEIRA, 2020) ha sido “definido” epistemológicamente en partes porque la reflexión tiene como premisa una discusión más amplia que contempla el cuerpo en su totalidad tecnológica contemporánea que también considera diferentes entendimientos de y sobre tecnología. La primera idea de la formulación epistémica sobre la tecnocolonialidad es sobre la condición geopolítica de la tecnología que se nos impuso como premisa fundamental de la existencia actual del cuerpo humano. El cuerpo no tecnológico es un cuerpo que no existe hoy en día. El cuerpo “tecnológico” (RODRIGUES; BESSA-OLIVEIRA, 2019) sería el cuerpo que utiliza la tecnología como un artificio artístico (de ser humano) de supervivencia ya que tenemos el cuerpo interpretado por la perspectiva cristiana occidental europea. Mientras que el cuerpo consciente de la tecnocolonialidad es el cuerpo que reconoce el papel de la colonización/colonialidad contemporánea impuesta a los cuerpos por la exigencia del uso de la tecnología como único modo de supervivencia. Sin embargo, en este caso, el cuerpo que no quiere ser tecnológico, no quiere ser colonizado por la tecnología (tecnológico), ciertamente no se permitirá sobrevivir solo si se somete a la tecnocolonialidad, por lo tanto, es un cuerpo consciente de la geopolítica impuesta, especialmente, por el proyecto de universalización técnica y por eso no se somete a la existencia sólo si participa de la tecnología. Teniendo en cuenta esto y teniendo en cuenta también la primera parte ya expuesta en la que tuve que destacar las políticas “económicas de la muerte” y el “odio” (BESSA-OLIVEIRA, 2020a) del actual Gobierno Federal que desestablece la pandemia, esta segunda parte abordará directamente la tecnocolonialidad en el cuerpo del arte en tiempos contemporáneos como dispositivo de colonización. Para subsidiar esta construcción epistemológica, utilizaré los debates posmodernos (contemporáneos) sobre los cuerpos artísticos tecnológicos, que comprenden el cuerpo necesariamente ligado a la tecnología para la producción, que conforman los cuerpos “andrógenos”, “tecnológicos”, “transhumanos” (BRETON, 2015), “corpomidia” (GREINER; KATZ, 2005), entre otros, para la autoconstrucción/autorreconocimiento o construcciones/reconocimientos en diferentes contextos; también usaré las discusiones modernas que clasificaron a los cuerpos no europeos racial/étnica/socialmente. El anclaje de estos enfoques será una episteme descolonial a través de la perspectiva crítica de la frontera *biogeográfica* para desatar el cuerpo y la tecnología como posibilidad de convivencia entre las diferencias coloniales en la época contemporánea.

Palabras claves: Cuerpo; Arte; Educación; Tecnocolonialidad; Geopolítica.

1. Introdução

De certo modo, no caso da colonização dos corpos humanos, compreendida desde o nascimento da figura do Salvador cristão (ano 1), é possível dizer que não falamos de ficção, ainda que também isso não era uma preocupação na juventude, menos ainda de um passado que se prendeu no tempo, mas podemos dar certeza da sua permanência na atualidade e quiçá algo para o futuro ainda até longínquo. Quer dizer, “[...] a título de clarear nossas ideias escurecidas sobre outras histórias naturais possíveis, até o ano 1 – nascimento do Cristo Salvador (TARSIA, 1995) – tudo que antecede é situado em histórias que hoje, na contemporaneidade, ainda são bases para a História que conhecemos do Continente Europeu” (BESSA-OLIVEIRA, 2020a, p. 31). Logo, são histórias construídas com base no controle dos corpos das diferenças – mais especificamente no caso de nós brasileiros, dos corpos indígenas e dos corpos africanos para cá trazidos – para manter a linearidade da subjetividade de corpos controlados que “não se rebelam”.

Neste sentido, o da questão apresentada em relação ao controle tecnológico do corpo humano hoje, não o do gênero ficção científica como uma incógnita da maturidade, e retomando a epígrafe aqui aposta do texto de Walter Mignolo que apresentou duas etapas fundantes da colonialidade pela colonização, penso que no agora, tanto a lógica de mundo sob controle da tecnologia, assim como a noção de corpo que obrigatoriamente se vincula a tecnologia como sobrevividas estão para “A terceira etapa – a etapa que continua hoje – [que] começou no momento em que as corporações e o mercado se tornaram dominantes, a biotecnologia substituiu a eugênica, e a publicidade (bombardeando a TV, as ruas, os jornais e

a internet) deslocou o rádio” (MIGNOLO, 2008, p. 8). Imediatamente, portanto, talvez seja possível dizer que o controle sob os corpos funda-se no advento da ocidentalização/colonização do mundo. Mas o controle tecnológico do corpo é fundamentado na ideia de cristianização do corpo.

Do mesmo modo, em uma matéria veiculada há 11 anos, apesar de acessá-la apenas bem mais recentemente, intitulada “Cientistas preveem interação entre Andróides e Humanos em 50 anos” (SITEMEIOBIT, 2020, on-line), vê-se que nos primórdios do século XXI a incógnita da Terra como mundo tecnológico ainda era uma constante dúvida e necessária indagação das pesquisas que querem até então descobrir como o corpo porta-se em relação ao uso ou desuso das tecnologias. Como bem ilustra o título da matéria, a questão prevê a interação mais efetiva entre homem e tecnologia já considerando a existência do corpo andrógeno como corpo tecnológico que se relaciona ao corpo humano como ainda o reconhecemos: de carne e osso. No caso da matéria a discussão está baseada na relação entre emoções andrógenas artificiais, claro, e as emoções humanas enquanto possibilidades de convivências entre essas diferenças inteligência-emocionais. De certo modo, a proposição da matéria, que está para um futuro de cerca de 40 anos ainda, fazia uma previsão, mesmo que bem menos catastrófica, igualmente relacionada ao filme, “O Exterminador do Futuro – A Salvação” (2009), de um mundo das/de máquinas.

Por outro lado, imediatizado pela condição de pandemia do novo coronavírus – da COVID-19 – o mundo se viu, mais ainda, submerso à questão da tecnologia como recurso fundamental para a continuidade da vida, na arte, na cultura e na produção de conhecimentos que me interessam mais aqui, mas também na economia, na produção e na oferta de bens, serviços e produtos e até nas políticas estatais em relação à saúde, segurança e na economia que, de modo menos direto, também estarão presentes na discussão. Tudo, de um momento para outro, passou a girar e depender, de certa forma, da tecnologia! Pior, tudo, também de imediato, passou a depender sempre de uma tecnologia específica diretamente de algum modo: seja para a alimentação, por exemplo, com os pedidos de comidas por meio de aplicativos por internet ou telefone que dependem da entrega. Sejam também as produções artísticas que se voltaram para o fazer de dentro de casa e por isso tornaram-se mais tecnológicos. Sejam igualmente as práticas docente e discente ou as práticas profissionais, no todo, pelo trabalho remoto de dentro das casas, que tiveram que ser continuados por meio do uso de telefones, computadores, rádios, TVs com a exigência do uso de equipamentos tecnológicos avançados ou por meio de acessos rápidos às tecnologias colocadas pela internet.

2. Desenvolvimento

O corpo ocidental vive hoje sob o império emergente da tecnologia virtual, na verdade desde que a internet tornou-se aparato de convivialidade, o corpo é exposto em canais virtuais de modo mediatizado. Na arte, nas diferentes linguagens; na produção do conhecimento, em ambientes formais ou informais da Educação e em contextos socioculturais diversos. Se o corpo não é ex-posto é quase um corpo-morto. Então, o corpo está ali presente como se fosse um objeto abstrato alheio ao próprio “suporte” entendido como corpo. Também na atualidade, várias leituras ou compreensões sobre esses corpos virtuais ou tecnológicos vêm à tona considerando a perspectiva que se quer compreendida dessa relação entre corpos e tecnologias. Na introdução das questões aqui colocadas deve ter ficado evidente que tecnologia está para a reflexão como tudo aquilo que é “acoplado” ao corpo biológico e que, de modo bom ou ruim, acaba por ser uma atualização desses corpos ou é um artifício que

coloca esses corpos em dependências dessas tecnologias.⁴ Nesse caso, diferentes interpretações, na verdade diferentes desejos e realizações acerca do corpo com a tecnologia, nos possibilitam várias empreitadas entre esses corpos que (sobre)(con)vivem em contextos tecnológicos.

Um corpo que hoje não se adere às diferentes tecnologias impostas pelos sistemas políticos, estabelecidos pelas mesmas políticas que dizem que a tecnologia beneficia – redes sociais, mídias, aparelhos eletrônicos, internet, entre outros – é um corpo inexistente. Pois, de certo modo, um corpo que não consome tecnologia imposta pelos sistemas tecnológicos é um corpo sem tecnologia. Logo, é um corpo que não faz dieta é um corpo sem tecnologia para as pesquisas de saúde, um corpo que não atende às necessidades impostas aos corpos técnicos para o trabalho e, portanto, torna-se aquele corpo gordo demais, alto demais – fora dos padrões – que é um corpo destecnológico. Um corpo descartável para os sistemas tecnológicos que deveriam dar acesso aos corpos que nunca tiveram acessos. Mas que agora são excluídos porque não têm máquinas tecnológicas ideias, ou redes com velocidades rápidas para acessos, ou corpos que não têm sequer condição de acessarem um ou outro porque não sabem, não dominam as técnicas das tecnologias inventadas. Neste caso, esses corpos precisam, emergenciam e acabam por se tornar corpos que precisam, de um modo ou de outro, se subjulgarem à tecnocolonialidade para sobreviverem.

3. Conclusões

Logo, expondo-se ou impondo ao corpo a condição de exposição ou de adestramento tecno(lógico), por meio do fazer artístico, da pesquisa sobre o corpo na arte ou na produção de conhecimento em que envolve o corpo, o corpo contemporâneo e a geopolítica, por meio da tecnocolonização do corpo, é a tecnocolonialidade que provoca a tecno(lógica) de corpos da exterioridade que não vivem submissões a situações tecno(lógicas) dessa teo e ego políticas emergentes no passado para controlar subjetividades. Por fim, para contemplar e prolongar este debate lancei mão de ideias de *retribalização e de renaturalização* conscientes – em que o corpo volta-se para a natureza (corpo-natureza-corpo) –, por via da *corpo-política* (MIGNOLO, 2017a) que nem a *biopolítica* foucaultiana contemplou, para desmontar a tecno(lógica) moderna de ser o corpo no tempo (ontológico) e o futuro de corpo-máquina sem emoção, mas para ser corpo, espaço e narrativa (*biogeográfico*) na atualidade *sociogêneseológica*.

Referências

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. O Corpo e a Geopolítica da Tecnocolonização, Tecnocolonialidade do Corpo na Arte, na Cultura e na Educação! (1ª Parte). *Artigo apresentado no II Congresso Internacional Online de Estudos sobre Culturas*, na

⁴ Ainda que tardiamente, cabe dizer que não sou e nem nunca quis ser um especialista em tecnologia. A minha discussão está ancorada à ideia da presença incontestada para muitos da tecnologia como mediadora da vida na contemporaneidade. Pois, ao certo, aqueles que compreendem a tecnologia única e exclusivamente como artifício benéfico aos corpos contemporâneos, aliás, desde a modernidade, como já fiz questão de colocar, devem, provavelmente, ser aqueles que têm acesso a todas as melhores condições para ser um corpo tecno(lógico).

modalidade online, 2020. Foz do Iguaçu, PR, Online, 22 a 26 de junho, p. 1-21, 2020. (Texto acervo do autor).

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. *Educação, Tecnocolonialidade, Docência Remota & a Covid-19*. Campo Grande, MS: Life Editora, 2020a.

BETRON, David Le. *Corpo e transumanismo*. Sobre um puritanismo radical. In: MONTEIRO, Maria Conceição; GIUCCI, Guilherme; PINHO, Davi. (Orgs.). *Eros, tecnologia, transumanismo, figurações culturais contemporâneas*. 1. ed.. Rio de Janeiro: Caetes, 2015, p. 13-34.

COELHO, Teixeira. *eCultura, a utopia final: inteligência artificial e humanidades*. 1. ed.. São Paulo: Iluminuras, Itaú Cultural. 2019.

GREINER, Christine; KATZ, Helena. Por uma teoria do corpomídia ou a questão epistemológica do corpo. *ARCHIVIO ARTEA ARTES VIVAS ARTES ESCÊNICAS*, 2005, p. 1-10. Disponível em: <http://archivoarte.uclm.es/textos/por-uma-teoria-do-corpomidia-ou-a-questao-epistemologica-do-corpo/>. Acesso em: 23 ago. 2020.

GREINER, Christine; KATZ, Helena. Corpo e processos de comunicação. *Revista Fronteiras*. Estudos midiáticos. Vol. III, n. 2, dezembro, 2001, p. 65-74. Disponível em: <http://www.helenakatz.pro.br/midia/helenakatz71314110790.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2020.

MIGNOLO, Walter D.. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Tradução de Marco Oliveira. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. [online]. 2017, vol.32, n.94, p. 1-18. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092017000200507&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 17 ago. 2020.

MIGNOLO, Walter D.. Desafios decoloniais hoje. Tradução de Marcos de Jesus Oliveira. *Revista Epistemologias do Sul*. Foz do Iguaçu, PR. V.1, n.1, 2017a, p. 12-32. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/download/772/645>. Acesso em: 27 fev. 2020.

QUIJANO, Aníbal. *Aníbal Quijano: ensayos en torno a la colonialidad del poder*. Compilado por Walter Mignolo. 1ª ed.. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2019. (El desprendimiento / Mignolo, Walter).

RODRIGUES, Larissa; BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. *O corpo primitivo contemporâneo da/na margem não tecno(lógica)*. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Artes Cênicas – Licenciatura, UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2019, p. 1-24. Disponível em: http://www.uems.br/assets/uploads/cursos/81f7af02b1a7a7e7107b971c31ea3b4c/tcc/1_81f7af02b1a7a7e7107b971c31ea3b4c_2019-12-13_16-15-08.pdf. Acesso em: 20 mai. 2020.

SITEMEIOBIT. *Cientistas preveem interação entre Andróides e Humanos em 50 anos*, 2020. Disponível em: <https://tecnoblog.net/meiobit/35863/cientistas-preveem-interacao-entre-androides-e-humanos-em-50-anos/>. Acesso em: 17 ago. 2020.